

Contando mais de quatro décadas de trajetória, o músico Marcelo Birck prepara o terceiro álbum de sua carreira solo

reportagem cultural



FABIOLA CORREA/C

Aforismos não mentem jamais

Cristiano Bastos, especial para JC

Cantor, compositor, guitarrista, produtor musical e professor no curso de música da Universidade Federal de Santa Maria (e que, desde os anos 1980, molda uma proposta que resiste a definições), Marcelo Birck contextualiza seu momento atual a partir de aforismos extraídos dos cadernos *O Dia e a Noite* (1917-1952), do pintor cubista Georges Braque: “Toda época limita suas aspirações. Daí nasce [...] a ilusão do progresso”. De modo complementar, em outro aforismo Braque afirma que a arte não trata de “expandir limites, mas de conhecê-los melhor”. É sob essa premissa que o músico de 60 anos – que, além da carreira solo, integrou os grupos Prisão de Ventre, Graforréia Xilarmônica, Aristóteles de Ananias Jr. e Os Atonais – articula o seu próximo

álbum, com lançamento previsto para este ano.

Para a concepção deste novo trabalho, Birck optou por conectar dois núcleos. De um lado, Porto Alegre, com os parceiros Juann Acosta e Rodrigo Avellar. De outro, Santa Maria, através da colaboração com a banda Habbit. Neste segundo caso, o que começou como um convite para atuar como consultor transformou-se em uma simbiose criativa. Kako Von Borowski, (integrante da Habbit) diz que o trabalho com Birck se dá com muita facilidade, a partir do total suporte dado por ele. “O Marcelo nos abriu muitas portas, nos levando para tocar na Capital. Também ajudou em projetos e shows. Acabou sendo uma consequência natural tocar n’Os Grafonheiros do Xilarai (banda de apoio de Birck)”.

Na proposta atual, Marcelo

Birck utiliza guias para ensaios com indicações imprecisas, a partir das quais os músicos concebem suas hipóteses. As ideias cruzam-se sem muita combinação prévia, de modo que cada execução tende a surgir mais como etapa de um processo do que um ponto de chegada definitivo. “É uma estratégia de soluções inusitadas, que tende a estimular um senso de responsabilidade inerente à prática musical coletiva. Creio que esta seja a maior lição que aprendi com o *free jazz*. No mais, as origens permanecem: iê-iê-ie (Jovem Guarda e Invasão Britânica) e o não-idiotismo do punk de Nova York e seus desdobramentos”.

Eder Wilker Borges Pena - musicólogo da USP e Doutor em Música pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) - afirma que “se há uma coisa que sempre me atraiu em música é a existência de

poéticas tão escalafobéticas que possam romper a noção daquilo que amiúde chamamos de música”. Deste modo, o pesquisador considera que a obra de Birck é “a constatação de que a música pode ser diferente sem perder a conexão. Trata-se de uma experiência estética complexa que atravessa o rock, o iê-iê-iê, o punk, o pós-punk, o atonalismo, a música concreta e eletrônica, a criptografia, a Vanguarda Paulista, o Dadaísmo; e, ao mesmo tempo, não é nada disso, e não explico, pois não é necessária lógica”.

Já o carioca Rogério Skylab não poupa elogios a Birck, do qual diz-se grande admirador. Ele conta ter conhecido sua obra através dos discos solo do porto-alegrense, pelos quais ficou legitimamente encantado. O primeiro contato entre ambos se deu no começo dos anos 2000, quando Rogério

enviou cópias de seus álbuns para Birck. Em 2008, Marcelo aceitou o convite para compor uma música em parceria, e também participar da gravação do DVD *Skylab IX*. O resultado foi a música *Samba de Uma Só Nota ao Contrário*. Skylab não deixa por menos: “É do Marcelo Birck o arranjo da canção *Eu e minha ex*, do Júpiter Maçã, a qual cantei inúmeras vezes em meus shows. São as minhas maiores referências da música feita no Rio Grande do Sul”. E completa: “O Birck, para começo de conversa, possui como aliado o antropólogo e pesquisador musical Hermano Vianna, o que não é pouca coisa”. Vianna, a propósito, disparou no texto que escreveu sobre o primeiro disco solo de Birck: “Nada prepara o ouvinte para o material sonoro contido nesse CD”.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Dramaturgia que quebra a naturalidade

Altair Martins estreou como contista em 1999, com *Como se moesse ferro* (WS Editor). Nos últimos anos, resolveu experimentar a dramaturgia, com *A guerra da urina*. Em 2025, reuniu três textos em volume, sob o título da peça que dá nome à obra, *Tango para homens velhos*. Sua prosa é eminentemente experimental, ousa quebrar paradigmas dos gêneros. O mesmo ocorre com seus textos dramáticos, com um acréscimo: ele revisita o gênero do *non sense* do Teatro do Absurdo, usando ironia e paródia em doses nada homeopáticas. Lembra muito o artista plástico búlgaro Christo, que fazia gigantescas obras de encobrimento de parques, edifícios e paisagens variadas, de maneira a torná-las mais visíveis a nossas percepções. Martins encena o absurdo do cotidiano sob o signo da naturalidade e, assim, o denuncia e o critica. Outra observação é que, entre seu texto de estreia e estes novos, houve uma nítida evolução de sua escrita dramática, que ganhou naturalidade, agilidade nos diálogos e um sentido de economia da cena

(fundamental para o bom resultado de um texto dramático quando levado ao palco). O primeiro texto presente neste volume intitula-se, como se disse acima, *Tango para homens velhos*. Na didascália da obra, Martins explicita: “condenados a costurar, até a velhice e a morte, uma extensa bandeira que ilustra a misoginia e o feminicídio, Sérgio, um juiz de Direito, e Alcides, um pintor de paredes, escondem-se atrás de uma tragédia cuja culpa não querem espíar”. Falta completar: porque não querem reconhecer sua responsabilidade, que é o assassinato das respectivas companheiras. Tivemos, na semana passada, a comemoração do Dia Internacional da Mulher, mas talvez o ponto mais importante ainda não foi suficientemente explorado: para se vencer a questão, há que envolver os homens. Nesta perspectiva se coloca a dramaturgia de Altair Martins. Na peça dramática, um juiz, carregando toda a sua vaidade e pre-

potência, reparte o espaço, e a culpa, com um pintor de paredes. Mas ambos mantêm o mesmo comportamento, sobretudo, o de insistirem em que não são responsáveis pelas mortes das esposas. Enfiados num espaço claustrofóbico, metáfora de sua própria responsabilidade, eles temem a proximidade com os ratos. Talvez a cena 4, neste sentido, seja a mais interessante, na medida em que cada um deles, ao narrar as mortes das esposas, atribuem-na a um rato, mas travestido neles mesmos. “Não há como confundir o meu rato: ele tinha mais ou menos a minha altura. Cheirava a cachaça. Mas usava roupa de gente”, diz Alcides. Também o juiz “apresenta” seu crime desta forma: “Os ratos me colocaram na ceira de frente pra Ana. Eu protestei, mas a minha voz não saía. Eu tentei me levantar, mas eu só mexia os olhos”. No texto seguinte, *A nuvem vigilante*, duas mulheres na manicure observam o que ocorre ao redor, quando um homem aparece transtornado, porque está babando incontinentemente. Na manicure, é sugerido que ele consulte a veterinária da pet shop em frente;

e assim o enredo se desenrola, com este se perdendo cada vez mais nas malhas de uma situação que não alcança entender. O texto final é *Amém - drama digital*, em que Martins aciona algumas figuras conhecidas da ficção, quer a clássica - Robinson Crusoe - quer a da comunicação de massa - Mulher Maravilha -, além de um banqueiro chamado O olho que tudo espia e outro denominado Pés com meias amarelas: a discussão gira em torno do que é realidade e o que é mera aparência. Para que o leitor tenha ideia do absurdo do diálogo, basta esta passagem: “Que bom que o senhor é banqueiro e não fala italiano. Que bom que não sou banqueiro e também não falo italiano. Assim, podemos nos comunicar”. É claro: todo o texto dramático só é provado quando chega à cena. Mas é importante sua leitura prévia, que nos antecipa o que pode vir a ser um espetáculo. Neste caso, Altair Martins está aprovado.

Ele revisita o gênero do *non sense* do Teatro do Absurdo, usando ironia e paródia, em doses nada homeopáticas

acontece

Mostra de Cinema das Missões

As ruínas da catedral de pedra de São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, preparam-se para receber a quarta edição consecutiva da *Mostra de Cinema das Missões*. O evento, que acontecerá de 29 de outubro a 1º de novembro de 2026, terá um significado especial ao celebrar os 400 anos da presença das Missões Jesuíticas no sul do Brasil.

O anúncio oficial da nova edição ocorreu durante o Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Cultura, em São Miguel das Missões, confirmando que o sítio arqueológico, reconhecido como Patrimônio Mundial pela Unesco, será novamente transformado em uma sala de cinema ao ar livre com sessões gratuitas.

Dentro da catedral, será montada uma estrutura com cadeiras personalizadas para o público sentar e observar a tela de exibição, evidenciada ao fundo das ruínas.

A curadoria focará em curtas-metragens locais, nacionais e internacionais que abordam temas essenciais como a consciência ecológica, as migrações e a coexistência entre os povos.

Um dos grandes marcos deste anúncio foi a criação do inédito Prêmio Voz da Terra, cuja primeira edição foi dedicada à atriz Fernanda Montenegro. A homenagem celebra a trajetória da artista que, há mais de 40 anos, empresta sua voz para conduzir o público

pela história da região durante o espetáculo *Som e luz*.

O troféu entregue na ocasião foi uma criação do artista missioneiro Irineu Garcia, que esculpiu a peça a partir de uma pedra missioneira para simbolizar a identidade e a memória do território. Embora Fernanda não tenha conseguido comparecer à cerimônia, ela enviou uma carta lida pela Secretária de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro, Danielle Barros, e receberá a distinção pessoalmente na capital carioca nos próximos meses.

Pautada pelo conceito de “Cinema em Cerimônia: celebrar iluminando com parcimônia”, a *Mostra de Cinema das Missões* busca ocupar o espaço histórico de forma respeitosa e inspiradora, contando com a parceria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Além das exibições cinematográficas dentro da catedral, a programação de 2026 prevê uma agenda paralela com palestras e debates no Tenondé Park Hotel, além de ações educativas e sessões itinerantes que devem circular por diferentes cidades do interior do Estado.

O projeto já está aprovado no âmbito da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Pronac), permitindo a captação de recursos para consolidar o evento como uma plataforma cultural e turística em permanente expansão.



Além das sessões nas ruínas, a mostra terá uma agenda paralela com palestras e debates

fique ligado

As sonoridades contemporâneas de Anoushka Shankar

LAURA LEWIS/DICULGAÇÃO/JC



Sitarista e compositora faz show de sua turnê no Teatro do Bourbon Country neste domingo, às 20h

A sitarista e compositora Anoushka Shankar faz seu primeiro espetáculo no Brasil, neste domingo, às 20h, no Teatro do Bourbon Country (av. Túlio de Rose, 80). Os ingressos custam a partir de R\$ 95,00 e estão à venda pela plataforma Uhuu.

Com mais de três décadas de carreira, a artista e já recebeu 11 indicações ao Grammy Awards e é reconhecida por transitar entre a música clássica indiana e diferentes sonoridades contemporâneas.

Filha do lendário sitarista Ravi Shankar, Anoushka iniciou sua formação ainda criança sob orientação do pai e construiu uma trajetória marcada por colaborações com nomes como Herbie Hancock, Sting e Norah Jones. No show deste domingo, ela apresenta trabalhos recentes, como o mini-álbum *Chapter III: we return to light*, além de composições que misturam tradição e experimentação musical.

Festival St. Patrick's Day em Canoas

O ParkShopping Canoas (av. Farroupilha, 4545) promove, neste sábado e no domingo, a segunda edição do *Festival St. Patrick's Day de Canoas*, com entrada gratuita e programação musical no Multiplan Hall, das 14h às 22h.

O evento, que reúne shows, chope e experiências gastronômicas, tem entrada gratuita, sujeita à lotação do espaço.

Entre as atrações confirmadas estão o cantor Vitor Kley, além das bandas gaúchas Ca-

chorro Grande e Ultramen, que se apresentam ao longo do final de semana.

A programação inclui ainda shows de Carlinhos Carneiro e da banda Kupinshas, além de sets de DJs.

Festa da DJ Taís Scherer

A DJ e produtora Taís Scherer estreia a *Festa da Taís* neste sábado, das 19h à meia-noite, no Encouraçado Butikin (av. Independência, 936). Criadora da tradicional festa *Balonê*, Taís propõe uma noite dedicada à pista de dança com repertório que mistura pop dançante e sucessos de diferentes épocas, sem restrições de estilos musicais.

Atuante na noite porto-alegrense desde os anos 1990, a DJ iniciou sua trajetória produzindo festas no bar Garagem Hermética e, desde 2003, também comanda as pick-ups. A nova proposta surge como espaço para explorar um repertório mais amplo do que o da *Balonê*, reunindo músicas de diversas décadas e referências, com foco em faixas que fazem o público cantar e dançar. Os ingressos antecipados custam R\$ 80,00 no site da festa *Balonê*.

Duas décadas da Blow Up

A tradicional festa *Blow Up* celebra duas décadas de história neste sábado, a partir das 22h, no Bar Ocidente (av. Osvaldo Aranha, 96). Conhecida por movimentar a noite porto-alegrense desde os anos 2000, a edição comemorativa contará com show tributo ao cantor Tim Maia, interpretado por Tonho Crocco e banda, reunindo clássicos do soul e do funk brasileiro.

A programação também inclui sets da Blow Up Crew, equipe de DJs responsável pela festa, que comandará duas pistas com repertório que mistura pop, rock, electro e sucessos de diferentes épocas. Os ingressos custam a partir de R\$ 55,00 e estão à venda pela plataforma Sympla (aniversariantes de março têm entrada gratuita mediante cadastro prévio).



ISRAEL FRANÇA/DIVULGAÇÃO/JC

Edição especial da festa ocorre Bar Ocidente, neste sábado

Agenda

- O espetáculo *Missioneira* – clássicos do cancioneiro gaúcho, protagonizado pela cantora e atriz Valéria Barcellos, tem sessão nesta sexta-feira, às 19h, no Sesc Canoas (av. Guilherme Schell, 5340). A entrada é gratuita, mediante doação de 1 kg de alimento não perecível.
- O músico e compositor pelotense Alécio faz show no Teatro dos Vampiros do Café Mal Assombrado (rua Fernando Machado, 513), neste sábado, às 20h. A apresentação acontece dentro da turnê *Tanta coisa pra viver em 6 minutos*, que percorre quatro cidades gaúchas, de 19 a 22 de março. Os ingressos custam R\$ 35,00 e estão à venda pelo Sympla.
- O espetáculo *Brilhante: Nega Lu em musical* cumpre mini-temporada no Teatro Simões Lopes Neto (rua Riachuelo, 1089), com sessões nesta sexta e sábado, às 20h; e no domingo, às 18h. Os ingressos custam entre R\$ 30,00 e R\$ 80,00 e estão à venda pelo site do Theatro São Pedro.
- O Barra Shopping Sul realiza, neste sábado, mais

uma edição do *Barra/ Música*, desta vez com o tema Saint Patrick's Day. A entrada é gratuita, mediante check-in pelo app Multi.

A programação inspirada na tradicional celebração irlandesa ocorre das 17h às 20h. Em caso de chuva, o evento será transferido.

● A Ospa apresenta o concerto *Arquiteturas sonoras* nesta sexta-feira, às 20h no Complexo Cultural Casa da Ospa (av. Borges de Medeiros, 1.501 - CAFF). O programa celebra o Mês da Mulher com obras de Louise Farrenc, Alice Mary Smith e Catarina Domenici. Ingressos custam entre R\$ 15,00 e R\$ 70,00 e estão à venda pelo Sympla.

● Nesta sexta-feira, a Casa Baka recebe o projeto *Movimentos involuntários*, uma noite dedicada à performance contemporânea que reúne oito artistas em seis ações performáticas simultâneas de longa duração. As apresentações acontecem das 19h às 22h e ocupam diferentes ambientes do espaço expositivo.

Protagonismo feminino em múltiplas linguagens

TIAGO TRINDADE/DIVULGAÇÃO/JC

Neste sábado, o Museu do Hip Hop RS (rua Parque dos Nativos, 545) recebe o *Festival MultiElas*, das 10h às 17h. Idealizado pela grafiteira e arte-educadora Sabrina Brum, o evento evidencia a presença e a criação feminina nas culturas urbanas, integrando as ações do mês das mulheres e reafirmando seu compromisso com o acesso democrático à cultura. Aberto à comunidade, o Festival tem entrada gratuita.

A programação reúne múltiplas linguagens artísticas, como graffiti, hip hop, breaking, poesia slam, skate, música e audiovisual, e inicia com a *Exposição MultiElas*, que apresenta obras de Bina, Rietta, Jaque Vieira, Lirou, Dana e Tuka, enquanto pinturas em graffiti realizadas ao vivo permitem acompanhar o processo criativo.

Ao longo do dia, o público também poderá participar de mediações realizadas pela equipe do Museu, apresentações de skate feminino com Josi, primeira campeã estadual de skate do Rio Grande do Sul; poesia falada com uma *Batalha de Slam*;



Festival MultiElas acontece no Museu do Hip Hop, neste sábado

e discotecagem da DJ Luizza, das 10h às 15h. Durante a tarde, ocorre uma roda de conversa com contação de histórias, em que as artistas compartilham seus olhares, vivências e reflexões sobre a presença feminina nas culturas urbanas e nos territórios. O palco ganha movimento com apresentações de dança de Syl Rodrigues e Carini Pereira, ao lado do Grupo Art Em Dança e do coletivo De Onde Nós Viemos, preparando o clima para o encerramento com shows de Tia Crazy e Negra Jaque.

reportagem cultural

Quatro explosões musicais de Marcelo Birck

Cristiano Bastos, especial para o JC *

Graforréia Xilarmônica

Marcelo Birck considera que Luis Fernando Veríssimo - no texto intitulado *O que é isto*, escrito em 1998 - deu a melhor definição a respeito da Graforréia Xilarmônica (da qual Birck é um dos fundadores): “Para começar, isto precisa ser alguma coisa? Precisa. Tudo tem que ter um nome, uma história, um começo, uma definição, não necessariamente nesta ordem. Nome e história eles têm. A Graforréia Xilarmônica já andou por aí o tempo suficiente para ter fases, para parar e voltar algumas vezes e até para ser influência. Definição? Se Schönberg tivesse ganho uma guitarra elétrica no Natal... Não, não. Se os Beatles ainda estivessem todos vivos e ativos e decidissem só se auto-parodiar... Não, não. Se a Jovem Guarda voltasse ao mundo sem as calças boca-de-sino e com um espírito crítico... Não, não. Tente esta: a Graforréia Xilarmônica é tudo que você ouviu nos últimos 40 anos (mesmo que só tenha 17), reunido, batido e servido no seu estilo inconfundível - e indefinível. O que é isto? Só ouvindo”.

Prisão de Ventre

A Prisão de Ventre foi a “banda-laboratório” com a qual Marcelo Birck deu início à sua carreira. “Um bando de guris que não sabiam tocar direito, mas que acharam um nome e diziam que era um grupo musical”, ele define. Na verdade, diz Birck, era mais um conceito que propriamente um conjunto, agregado por referências compartilhadas e pela vontade de estar em uma banda. “Mesmo que não soubéssemos definir o que seria este conceito, de alguma forma ele nos motivava a seguir em frente”. Neste espírito, a Prisão de Ventre realizou algumas ações de provocação. Por exemplo, selecionar a dedo as roupas mais ridículas e sair para uma caminhada pelo bairro. Em 1984, os ensaios se tornaram mais constantes, e o repertório mais definido. Em seguida, começaram a fazer shows com a galera que deflagrou o que viria a ser conhecido como rock gaúcho: Urubu-Rei, Júlio Reny, Atahualpa Y Us Panquis, Fluxo (que foi o embrião do De Falla), e, um pou-



Marcelo Birck formou alguns dos projetos mais experimentais do rock gaúcho

co depois, o TNT.

Aristóteles de Ananias Jr.

A princípio, era só um nome que Marcelo utilizava para shows nos quais o repertório era criado na urgência, sem músicos fixos. Um projeto paralelo à Graforréia Xilarmônica, acionado conforme as circunstâncias. Porém, em 1991, em um momento em que estava sem banda, Birck decidiu convidar alguns dos músicos que haviam participado da proposta, a fim de definir uma formação, realizar ensaios regulares e compor repertório. “A intenção era radicalizar ideias que haviam sido esboçadas na Graforréia. Surfar entre deslocamentos, paralelismos e fricções, de pegadas pop a soluções inusitadas. Para tanto, a estratégia foi utilizar procedimentos formais filtrados por uma abordagem punk, mas sem priorizar idiomatismos. Esta fase coincide com

o meu período de maior engajamento no bacharelado em composição na UFRGS”, conceitua.

Os Atonais

Projeto intermediário entre o fim da Aristóteles de Ananias Jr e o começo da carreira solo de Birck. “Nem que fosse como um respiro, eu havia decidido simplificar minha proposta, o que me levou a retomar contato com o Leandro Blessmann. Logo estávamos compondo canções com inspiração no ié-ié-ié e na música brega dos anos 1970. Mesmo que fosse um trabalho mais voltado para o pop, a sonoridade do disco traz alguns timbres inusitados e inserção de ruídos. O nome surgiu em uma ocasião em que tomei contato com uma banda chamada Os Diagonais (da qual fazia parte o *soulman* Cassiano). Pela sonoridade próxima, me ocorreu Os Atonais.”

Liberdade calculada

Juann Acosta narra a experiência de atuar ao lado de Marcelo Birck.

“Toco com Marcelo Birck desde 2012. De lá para cá, seguimos gravando, experimentando e nos reencontrando quando ele está em Porto Alegre. Faço parte da banda que o acompanha nesses momentos - seja para registrar novas músicas, seja para testar ideias, explorar timbres, tensionar formas. A partir dessa convivência, fui entendendo melhor a lógica própria da música do Marcelo.

Ao longo desses anos, percebi que, na obra dele, os limites entre o certo e o errado - entre o que “funciona” e o que teoricamente não funcionaria - simplesmente deixam de existir como categorias fixas. Há uma colisão constante entre ordem e caos, mas não no sentido de desorganização: é uma experimentação que convive com rigor.

Nas canções do Marcelo, é comum encontrar melodias bonitas, harmonias luminosas, quase afetivas na sua simpatia imediata. Mas, ao mesmo tempo, surgem momentos de radical experimentação - efeitos quase caleidoscópicos, progressões harmônicas pouco convencionais, trechos que à primeira escuta podem parecer aleatórios. E não são. Há uma lógica interna, um método invisível.

O que ele tem buscado cada vez mais é essa ideia de encontrar no acaso algo que jamais surgiria de uma busca excessivamente intencional. Como se o gesto criativo precisasse se libertar da obrigação de acertar para, então, acertar de outro modo. A noção tradicional de estrutura, de lapidação, de “boas notas” e “boa harmonia” não desaparece - mas se dilui. Às vezes o lugar mais inusitado é justamente onde a canção encontra sua forma.

Há uma liberdade calculada. Uma soltura com propósito. Marcelo trabalha com colagens, sobreposições de informação melódica, fluxos que não precisam necessariamente se repetir para fazer sentido. É uma música que aceita a efervescência - e que transforma essa abundância numa unidade orgânica.

Em 2026, ele chegou a um território onde tudo pode combinar, onde quase qualquer elemento pode funcionar se estiver inserido dentro da lógica interna que ele constrói. E esse lugar é intransferível. Ninguém faz igual, porque não se trata apenas de técnica ou ousadia - mas de uma visão muito particular sobre como o caos pode ser organizado sem deixar de ser vivo. Desaparece - mas se dilui. Às vezes o lugar mais inusitado é justamente onde a canção encontra sua forma.”

Crianças adultas

Por Lule Bruno (músico e compositor)

“Escrevo este texto na condição de fã assumidamente declarado. Para mim, Marcelo Birck criou (e continua a criar) uma das melhores e mais criativas obras musicais no Rio Grande do Sul. Disparado. Nada nem ninguém se assemelha às criações de Birck. Colocaria Júpiter Maçã em um distante segundo lugar. E digo mais: Aristóteles de Ananias Jr. é a maior banda da história deste Estado. Ninguém chega nem perto. Em termos sônicos, agrada-me aos ouvidos; as letras são de um grande humor e bom gosto. Os timbres não mentem jamais.

“Vou alimentando a ilusão de um plano astral, desfrutando dos prazeres do mundo material”. Tem aceleração de fita, atonalidade, gravações de trás para

frente - simplesmente tudo o que eu mais amo, com letras para lá de hilárias e, ainda por cima, em português, repletas de referências específicas do humor debochado gaúcho dos anos 1990 e o pessoal da vanguarda paulista e samba dos anos 1930. E os caras ainda faziam filmes de ficção científica, como Projeto Espacial B (recomendo, tem no YouTube).

Os shows eram um delírio dadaísta, com figurinos a caráter e psicodelia. O primeiro disco solo do Birck é o meu álbum favorito feito no Brasil. Não tem música ruim, não tem momento desperdiçado. Ele utiliza meu recurso favorito de fazer música: o elemento surpresa. Deixa o ouvinte sempre na ponta dos pés, na corda bamba, a cada momento com um corte abrupto ou situação inesperada, sons do além. Marcelo faz isso

Uma dezena de sons

Marcelo Birck comenta dez importantes canções de sua trajetória musical.

Hordas de Demônios

Parceria com Frank Jorge, é a minha favorita do repertório da Graforréia Xilarmônica. O único registro está na fita demo lançada pela Vórtex (selo dos Replicantes). Começou como uma paródia de heavy metal, mas virou outra coisa. Surgida em um ensaio, foi tomando forma na base da zoação improvisada e sem muito filtro. Com algumas adaptações, está no meu repertório atual.

Amigo Punk

Eu e o Frank começamos a compor no fim de um ensaio, enquanto guardávamos os instrumentos. Era só um esboço, mas ficou ressoando na minha cabeça a ponto de eu seguir trabalhando nela enquanto caminhava do estúdio para casa. No ensaio seguinte, demos a formatação final.

Pagode Acebolado

Música da Aristóteles de Ananias Jr. Não lembro bem do processo, mas provavelmente foi na base da tentativa e erro, a fim de misturar referências por justaposição.

Canibalismo Odara

Também da AAJr., em colaboração com Ricardo Frants e Luciano Zanatta. A música faz uso de um riff em 7/4, com sobreposições de outros compassos durante a música. A letra tem um trecho formado por uma concatenação de gírias, exageradas para parecerem ainda mais



Graforréia Xilarmônica, da esquerda para direita: Carlo Pianta, Frank Jorge, Marcelo Birck e Alexandre Birck

sem sentido. Em alguns momentos, os instrumentos usam escalas discordantes, numa espécie de prolongamento da distorção da sonoridade geral. Colabora para esse efeito um sampler em loop.

Chamas do Inferno

Música que abre o CD dos Atonais, com uma pegada Reginaldo Rossi e guitarras barulhentas. O Leandro Blessmann chegou para mim com parte do refrão, dizendo que a ideia lhe ocorrera num dia em que o ar-condicionado do trabalho pifou. O único trecho da letra dizia “eu vou arder nas chamas do inferno”, e o restante ainda estava só no “lá-lá-lá”. Completei a letra e fiz as estrofes. O Leandro fez o *middle 8* inspirado em Clarice Lispector, que ele estava lendo na época.

Surf Atonal

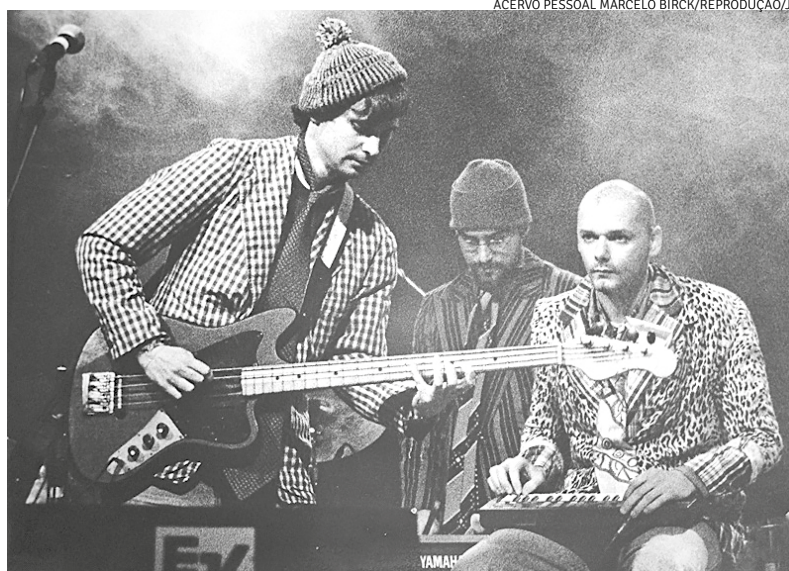
Incluída no meu primeiro disco, é um manifesto que zoa com a própria ideia de manifesto. A música foi montada a partir de um trecho

instrumental gravado no Estúdio Dreher, com vocais adicionados posteriormente. A partir da contração expressa no título, fiz uma costura de citações de músicas da dupla Roberto e Erasmo (com uma referência à Bossa Nova). Todo este disco foi montado em casa, em uma

proposta *lo-fi* baseada no reaproveitamento de gravações.

Tricicloscópio

Um dia, liguei a TV e, por acaso, passava um episódio dos Monkees. Imediatamente criei um riff na esteira do que eu havia acabado



Aristóteles de Ananias Jr.: Marcelo Birck (d), Luciano Zanatta e Ricardo Frantz

de assistir. Na gravação, usei um instrumento cujas cordas eram arames estendidos sobre uma caixa de ressonância em formato de trapézio (segundo Plato Divorak, uma “cítara de Juazeiro”). Como o instrumento não tinha trastes, usei um pequeno pedaço de ferro para pressionar a corda, a qual, por sua vez, eu percutia com uma vareta de madeira. Toda a música saiu deste riff, com uma letra que não se preocupava em fazer sentido.

Ié-Ié-Ié do Oiapoque ao Chuí

Mais uma das canções-manifesto. A versão do primeiro disco é uma junção de várias demos, conectadas por efeitos e montagens que fiz para testar os recursos de edição dos então recentes computadores pessoais. Tive que pensar em muitas soluções para tocá-la ao vivo. Acabou ficando tão peculiar que decidi regravá-la no *Timbres Não Mentem Jamais*.

Fluidez Borbulhante

Também incluída no segundo CD (*Timbres Não Mentem Jamais*). São duas bandas tocando, cada uma em uma tonalidade diferente. A montagem final equilibra as duas interpretações e finaliza com ruídos gerados por pedais de efeito.

Arqueologia Doméstica

Não está em nenhum disco. Foi lançada como trilha de um vídeo editado durante a pandemia, para o qual criei uma roupa de performance e uma instalação, ambos com tralhas reaproveitadas. Além da performance, que remete a seriados de ficção científica, o vídeo faz uso de uma animação a partir de recortes e remontagens de películas de filmes Super-8, 16 e 35 mm.

como ninguém. Estimula a mente, faz o cérebro pensar, inspira. Dá vontade de compor.

E foi o que eu fiz. Ouvindo o também homônimo disco Aristóteles de Ananias Jr. (debut e disco único da banda – fora a demo tape que veio antes), fiz um disco inteiro sozinho no meu estúdio caseiro, chamado Claudia Raia da Loucura, que está para sair em 2026. Eu e meus enteados, Caetano (8 anos) e sua irmã Aurora Luz (10 anos), passamos pelo menos uns seis meses cantando Bico de Pato em casa sem parar. Montei uma banda, Lule & As Crianças Adultas, e na nossa estreia no Ocidente, no ano passado, chamamos as crianças ao palco, o Lucas Protti (ex-Superguidis) no sax, e cantamos Bico de Pato em galera. Foi lindo. Tanto que chamei as crianças de novo e gravamos a

canção no disco.

As outras canções do meu álbum têm nomes como *Careca Cabaludo*, *Eu Me Teletransportei Até Você*, *BB*, *Dormiu de Calça Jeans*, *Você Está Ficando Louco* e por aí vai. Todas possuem algum tipo de loucura inspirada no trabalho do Birck. *Dormiu de Calça Jeans*, por exemplo, foi mixada em fita cassete e acelerada; *Passar no Zaffari* é uma colagem tipo *musique concrète*; e minhas letras também são sarcásticas e debochadas, fazendo piadas internas com referências a coisas específicas daqui do RS: *Chapecó*, *Xanxerê*, *Erechim*.

Esse humor, o experimentalismo e a vanguarda de Birck são coisas que me parecem estar fazendo falta hoje em dia. Sinto que apenas eu e o Carlinhos Carneiro seguimos nessa onda, erguendo essa tocha, “flying your

freak flag” tipo Hendrix. O Carlinhos, principalmente nas letras. Acredito que a música hoje em dia no Rio Grande do Sul é muito séria. O deboche do Birck eu ouço não só nas letras, mas na desconstrução dos sons, nos recortes e colagens que vão além de toda e qualquer expectativa do ouvinte. Não é música para ouvir casualmente; é feita para uma audição profunda. Cada canção é um statement. Meu Cigarro, Fúlvio Silas II, Freeway... pelo amor de Deus, eu amo demais essas músicas. Palavras não fazem jus para explicar as explosões de curtição na minha mente ao ouvi-las. E não deu nem tempo de falar de *Timbres Não Mentem Jamais*, que fica para um próximo capítulo.”

Discografia

Graforréia Xilarmônica

- *Com amor muito carinho* (cassete, 1988)

Aristóteles de Ananias Jr

- *Aristóteles de Ananias Jr* (demo cassete, 1993)
- *Aristóteles de Ananias Jr* (CD, 1996)

Os Atonais

- *Em amplitude modulada* (demo CD, 2000)

Solo

- *Marcelo Birck* (2000)
- *Timbres não mentem jamais* (2008)



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

nas telas



Animação brasileira *Mundo de Lirio* será exibida em festival de Portugal

Uma experiência para as infâncias

A série brasileira de animação infantil *Mundo de Lirio* inicia sua trajetória internacional nesta sexta-feira, com uma estreia especial na 25ª edição do *Monstra - Festival de Animação de Lisboa*, em Portugal, dentro da programação da *Monstrinha*, seção dedicada ao público infantil, juvenil e familiar do evento. Criada pela cineasta Amanda Fernandes, em coprodução com o Chile, a obra apresenta o cotidiano de um menino negro que explora a natureza e a ciência com um ritmo narrativo suave, pensado especialmente

para respeitar o tempo da infância. O projeto também será destaque na 8ª edição do *Festival Lanterna Mágica*, em Goiânia, entre os dias 23 e 28 de março. Com vozes originais de Débora Valente, Nambir, Aline Marcimiano e Kika de Moraes; músicas de Débora Valente, Leandro Moraes e Sascha Kratzer; e animação do Alopra Studio, *Mundo de Lirio* conta ainda com direção de arte de Renato Moll e William Jungmann, e produção executiva de Amanda Fernandes, Julian Rosenblatt e Cadu Zimmermann.

Filme sobre memória e pertencimento

Neste sábado, o longa-metragem gaúcho *Enquanto houver sol* estreia no Lindoia Shopping (av. Assis Brasil, 3522), às 21h. O filme é fruto do trabalho de conclusão do Curso de Cinema da Take Escola de Atores. Os ingressos custam R\$ 35,00. A produção foi gravada no Litoral Norte do Estado, na Barra do Ouro, em Maquiné. Comédia dramática,

o filme fala de memória e pertencimento. No elenco, sete atores interpretam o roteiro de uma típica família brasileira cheia de perrengues. Na trama, após a morte da mãe, o filho reúne a família para tentar recompor laços rompidos pelo tempo, mas o reencontro desperta silêncios, segredos e conflitos que estavam adormecidos.

Lançamentos de final de semana

Nesta sexta-feira, dois filmes chegam à plataforma HBO Max (planos a partir de R\$ 29,90). A produção brasileira, *Perfeitos desconhecidos*, de Julia Jordão, narra um jantar com sete amigos, onde todos decidem abrir o jogo sobre suas vidas particulares no celular de cada um, e compartilhar abertamente

todas as chamadas, mensagens de texto e voz. Mas o que era para ser algo divertido se torna em um caos. Já o longa *Oh, Sumido*, de Sophie Brooks, acompanha o fim de semana romântico de Iris e Isaac, que toma um rumo inesperado quando ele confessa que não quer um relacionamento sério com ela.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Ponto para que o tecido não desfie	Principal via de navegação fluvial da Alemanha				Negação radical das leis e instituições formais		Filme estrelado por Keanu Reeves e Al Pacino
	Coautor de "Moon River" (Mús.)	Peca satírica de Aristófanes					
					Vitamina que regula a absorção do cálcio		Estádio de futebol de Cuiabá
Escova (?), técnica de alisamento de cabelos		Modalidade da ginástica artística			Sentimento ausente no golpe do baú		
			Imagem, em inglês				
Masculino de sóror		Ítório (símbolo)			Veículo de ralis (red.)		
Não mencionam		Serviço de saúde			Homem, em inglês		
					Ação ao salvar um arquivo no PC		
			Ligado, em inglês			Invento do Neolítico	
Tombar			Nervo craniano			Opus (abrev.)	
(?) racial, medida de inclusão implantada nas universidades		O sentido mais aguçado do perfumista		Atrativo de pororocas para os surfistas			
				"Caldeirão com (?)", programa de TV			
						Daniela Thomas, cineasta brasileira	
Exigência da Igreja para a canonização		Verbo auxiliar de locuções		Capital de Samoa			
			A Terra dos Pinheirais (sigla)	Surra (pop.)		Alfred Nobel, químico sueco	
Espaços nas cocheiras					Guia do navegador (Inform.)		
O linguajar do brasileiro que não domina o espanhol (pop.)	Base da redação						

BANCO 2/on. 3/man. 4/apia — reno — vago. 5/image. 7/chuio. 20

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesso nosso site!

COQUETEL

@coquetel /editoracoquetel

Solução												
T	O	H	N	U	I	R	O	P				
V	B	V			M	E	T					
N	V		R	P	S	I	V	I				
V	I	P		O		F						
I	D		E	R	G	V	T	I	W			
N	O	I	M	V	T	O	C					
V	D	N	O		V		N					
P	O		N	O	R	I	V	C				
V	D	O		M	V	E	T	W	O			
N	V	M		S	U	S						
E	G	V		I	M	I	E	R	F			
R	O		O	T	O	S		N				
V	A	I	T	I	N	I	E	F	D			
D		O	I	E	T	U	H	C				
V				N	R							

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Envolve-se menos por deficiências pessoais e situações adversas. Um pouco de atenção e sentido de organização é suficiente para sanar problemas que pareciam não ter fim.

Touro: Mercúrio direto é indício positivo para o conjunto geral de sua vida. Em especial, para as relações de amizade e a participação social, que passam a ser muito mais satisfatórias.

Gêmeos: Mercúrio direto faculta melhor organização nas ações profissionais e um sentido de objetividade e concentração. Tempo de colocar, no trabalho, o planejamento em prática.

Câncer: Momento oportuno para revisar decisões e orientações que possa ter definido nas semanas anteriores. Você organiza seus pensamentos com mais eficiência.

Leão: Mercúrio direto favorece a relação a dois, o casamento e as associações. Os pontos de discórdia começam a ceder, e vocês encontram equilíbrio na condução das relações.

Virgem: Mercúrio direto indica sua melhor disposição para com os relacionamentos pessoais. Uma atitude sua mais bem equilibrada beneficia imensamente o modo de ser com as pessoas.

Libra: Procure se concentrar nas tarefas e afazeres que são primordiais. Mercúrio direto indica começo de fase mais organizada no trabalho. Você estará realmente mais produtivo.

Escorpião: Mercúrio direto indica melhor comunicação de seus sentimentos e desejos. A vida amorosa dá alguns passos importantes em uma direção mais bem definida.

Sagitário: O intelecto e a comunicação melhoram a organização doméstica e o entendimento com familiares. Havia muito assunto pelo meio do caminho. Agora, as coisas se definem.

Capricórnio: Mercúrio direto significa organizar as rotinas. Sua agenda e os ritmos diários ganham estabilidade. É tempo de comunicar, por gestos e palavras, suas intenções e desejos.

Aquário: Mercúrio direto é indício positivo para a lida com a materialidade. Em especial, para a lida com negócios, posses materiais e dinheiro. É tempo de se definir nestes assuntos.

Peixes: A melhor comunicação e inteligência, para você, permitem organizar a si mesmo, isto é, coordenar os desejos, sentimentos e gestos que compõem seu comportamento.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Brasil psicanalisado por Hélio Pellegrino

Uma vez, eu estava assistindo uma palestra do Sérgio Paulo Rouanet e, na hora das perguntas, mandei um bilhete perguntando o que ele achava de termos um presidente da República psicanalista. Bem-humorado e inteligente, ele disse que seria uma hipótese a pensar, diante de nossas atribuições federais. Lembrei disso agora, antes de falar sobre o livro *A burrice do demônio* (Editora Rocco, 304 p., R\$ 89,90), do saudoso psicanalista, psiquiatra, escritor, poeta e ativista político mineiro Hélio Pellegrino, que fez parte do glorioso grupo “Os quatro mineiros”, com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende.

Fora de catálogo há quase 30 anos, Pellegrino nesta obra

reuniu 59 artigos que foram publicados em jornais como *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, entre 1982 e 1988. Apesar do tempo, os textos de Pellegrino, que ouvia o Brasil falando em seu divã, estão tristemente atuais. A história de nosso presente insiste em se repetir como tragédia e farsa, como disse Karl Marx.

Temas como a necessidade da preservação da memória, busca pela verdade do tempo da ditadura, teologia da libertação, marxismo, censura, tortura e outros como as esperanças na Nova República estão nos textos literários e complexos de Pellegrino, que, profeticamente, escreveu: “No Congresso Constituinte, o Centrão resguarda - e salvaguarda - a adiposidade dos ricos, enquanto a Doutrina



de Segurança Nacional continua impávida.” Os que Pellegrino via como “afirmação de força e esperança” atualmente são os donos do poder.

e palavras...

É POSSÍVEL UNIR O BRASIL?

Nas últimas décadas, nas eleições presidenciais, em torno de um terço dos brasileiros votou na esquerda, outro terço na direita e aproximadamente um terço não foi votar, anulou o voto ou votou em branco. Sempre tivemos certa polarização, mas nos últimos anos ela se acirrou, em virtude principalmente do crescimento das comunicações nos meios eletrônicos e do fato de planos econômicos, sociais e políticos terem dado lugar a ataques pessoais, *fake news*, narrativas e outras coisas que atrasam a transformação do Brasil numa verdadeira nação.

A maior parte dos brasileiros parece acreditar que a polarização vai seguir firme e forte, com todas as mazelas possíveis e imagináveis e com todos os danos que ela causa. Mas, como nesse país até o passado é imprevisível, não dá para duvidar de nada.

É possível unir o Brasil? (Editora Planeta, 144 p., R\$ 52,00), de Helder Maldonado, jornalista, escritor e fundador do canal *Galãs feios* no YouTube, e autor do livro *Amanhã vai ser pior*, sobre os primeiros anos do bolsonarismo no poder, trata, como ele diz no subtítulo, do sonho improvável de um Brasil sem treta no grupo da família. O livro tem prefácio de Deusdete Negarestani, pseudônimo do filósofo Anderson Cleiton Fernandes Leite, que colabora com o canal *Galãs feios*.

Maldonado mergulha nas fraturas históricas e culturais de um País que, há muito, deixou de acreditar no mito do “brasileiro cordial”. Com linguagem altamente irônica e com lucidez

escancarada e debochada, o autor desmonta a fantasia de uma nação alegre e harmoniosa - uma herança ideológica, que vai de Gilberto Freyre à Rede Globo. Maldonado revela o que sempre sustentou o Brasil real: um projeto de dominação interna que transformou indígenas, negros, pobres e nordestinos nos próprios “inimigos nacionais”.

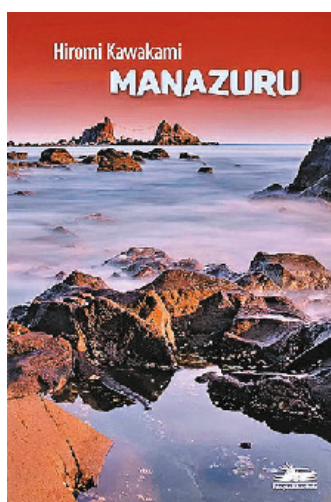
Do declínio do futebol como símbolo de unidade à fragmentação cultural da era digital, o autor mostra como a promessa de um “país de todos” se esfalela diante da desigualdade, do ressentimento e da nostalgia de um passado que nunca existiu. Tirando o deboche e o desalento, Maldonado apresenta também um gesto de afeto: o reconhecimento de que, mesmo entre ruínas, o Brasil ainda pulsa contraditório; vibrante e impossível de resumir. É por aí mesmo.

Gostar do Brasil é mais fácil do que tentar entendê-lo. Como dizia o saudoso Tom Jobim: “o Brasil não é para amadores”.

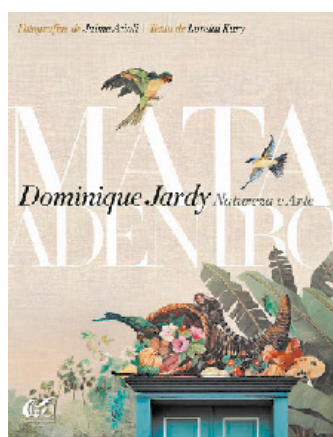
A obra mescla bem ensaio, crônica e sátira política, e reflete com contundência sobre o que significa, hoje, ser brasileiro. Ao fim e ao cabo, o livro se pergunta se há algo capaz de nos unir além da própria desilusão.

No prefácio, Deusdete escreveu: “Quando Lula subiu a rampa em 2003, ao som de Villa-Lobos, confesso que me emocionei. Não pela derrota do fascismo ou pela teatralização do lema ‘Brasil: um País de todos’, mas pela civilização que a gente poderia ter sido e não foi - e que duvido que seremos”.

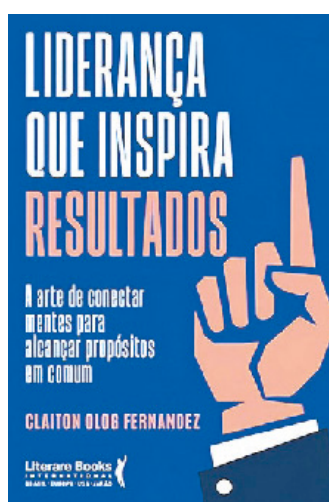
lançamentos



► **Manazuru** (Estação Liberdade, 240 p., R\$ 76,00) romance psicológico de Hiromi Kawakami, multipremiada escritora japonesa, traz Kei, mulher de meia idade que mora em Tóquio com a filha e a mãe. Há anos, carrega um trauma causado pelo sumiço inexplicável do marido. Num momento de escape, ela embarca num trem e acaba descendo por acaso em Manazuru, cidade costeira, onde muita coisa vai acontecer.



► **Mata adentro: Dominique Jardy - Natureza e Arte** (Andrea Jakobsson Estúdio, 216 p., R\$ 200,00) texto de Lorelai Kury com fotografias de Jaime Acioli, traz o trabalho da pintora muralista francesa radicada no Rio de Janeiro e mundialmente conhecida por retratar animais e plantas com sensibilidade, talento e cores vivas. Lançamento: dia 24, às 19h, na Gobbi Novelle, (rua Quintino Bocaiuva, 890).



► **Liderança que inspira resultados** (Literare Books, 176 p., R\$ 54,00) de Claiton Olog Fernandez, experiente executivo, palestrante e ex-secretário municipal da Fazenda e da Administração, traz a arte de conectar mentes para alcançar propósitos em comum. Autoconhecimento, prática e transformação mostram que qualquer pessoa pode se tornar um líder.

a propósito...

Helder Maldonado, nas páginas finais deste livro que faz acreditar e desacreditar no Brasil, diz, com alguma esperança: “Sem uma resposta institucional organizada, em sintonia com a coletividade e a sociedade, não manteremos o Brasil sequer funcional, imagine unido.” É verdade. Nossas instituições precisam ouvir as vozes das ruas e funcionarem devidamente, na forma da lei,

exercendo poderes independentes e harmônicos, legislando, executando e julgando - cada macaco no seu galho, como manda o livrinho (a Constituição Federal, lembrem dela?). E que Deus, Nossa Senhora Aparecida e todos os santos nos ajudem, que parece que estávamos melhor quando estávamos péssimos, como dizem os serenos italianos. (Jaime Cimenti).

pensando cultura



Instituição inicia temporada de espetáculos a preços populares dentro de plano anual com recursos da Shell, via Lei Federal de Incentivo à Cultura, com sessões de *Medea* (dir. Gabriel Villela)

Um novo horizonte para a Fundação Theatro São Pedro

A Fundação Theatro São Pedro (FTSP) anunciou, nesta quarta-feira, em coletiva de imprensa, um ciclo de transformação que promete consolidar o complexo cultural como um dos mais vibrantes da América Latina. Atualmente presidida pelo diretor teatral Luciano Alabarse, a Instituição tem apostado em uma gestão plural que une o fomento à produção artística gaúcha a uma interlocução direta com grandes nomes da cena mundial. Para sustentar essa visão, a estrutura interna é reforçada pela direção artística assinada pela produtora Letícia Vieira, ao lado do diretor Dilmar Messias e da bailarina Ângela Spiazzi. Além disso, a nova gestão ainda criou departamentos estratégicos para Dança, Artes Visuais e Memória e Patrimônio.

As diretrizes dessa nova fase foram detalhadas por Alabarse, durante o encontro com a imprensa. Na ocasião, o presidente

da FTSP destacou que o objetivo é transformar o complexo em uma referência de uso contínuo, equilibrando o rigor da preservação histórica com a urgência da inovação. Enquanto o prédio o Theatro São Pedro (TSP) passa por reformas de acessibilidade e segurança (PPCI), as atenções se voltam ao Teatro Simões Lopes Neto, inaugurado em março de 2025 no Multipalco Eva Sopher. Ao destacar a programação dos próximos meses, Alabarse afirmou o compromisso de tornar o complexo um centro vivo de criação, “onde o patrimônio e a arte contemporânea caminham lado a lado”.

Segundo o gestor da Fundação, em abril o grande destaque agendado para subir ao palco do Teatro Simões Lopes Neto é o ator norte-americano John Malkovich, que apresenta, no dia 3, o espetáculo *The Infamous Ramirez Hoffman*. A montagem, baseada na obra de Roberto Bolaño, traz a

pianista russa Anastasya Terenkova, o violinista Andrej Bellow e o bandoneonista Fabrizio Colombo em uma performance que combina teatro, literatura e música ao vivo, com um repertório que vai de Piazzolla a Vivaldi. Viabilizada pelo patrocínio do Banrisul e apoio da rede Master Hotéis, a peça já conta com os ingressos à venda pelo site do TSP.

A sustentabilidade da agenda de 2026 na Fundação também será garantida, pela primeira vez, por um plano anual patrocinado pela Shell, via Lei Federal de Incentivo à Cultura. Este alicerce permite a oferta de espetáculos com ingressos a preços populares e acessibilidade, iniciando com

a temporada de *Medea*, adaptação do diretor Gabriel Villela para a tragédia de Sêneca, que conta com a participação especial de Walderez de Barros. As sessões ocorrem de 9 a 11 de abril também no Teatro Simões Lopes Neto.

O olhar da gestão para a classe artística local também ganha força com o projeto *Banrisul Mulheres da Cena Gaúcha*, protagonizado por oito figuras fundamentais das artes locais: Camila Bauer, Carlota Albuquerque, Deborah Finocchiaro, Inês Alcaraz Marocco, Jezebel de Carli, Juliana Barros, Larissa Sanguiné e Patricia Fagundes. Segundo Alabarse, a valorização “da prata da casa” se manifesta ainda no selo

Multipalco de Grandes Espetáculos RS, que chancela a qualidade de obras como o show *Aos trancos e barrancos*, de Kiti Santos e Marisa Rotenberg, e a montagem de dança *Peixes*, de Camila Vergara, recentemente apresentados no centro cultural.

A próxima atração do selo é *Brilhante - Nega Lu em musical* (dir. Daniel Colin e Juliano Barreto), que terá sessões entre os dias 20 e 22 de março. Somado a isso, a Instituição ainda anunciou a redução de taxas para ensaios no Teatro Oficina Olga Reverbél e Sala da Música; além das exposições de Liana Timm na mostra *Affectus* e a histórica *Theatro São Pedro para sempre*, em junho.

John Malkovich sobe ao palco do Teatro Simões Lopes Neto, com patrocínio do Banrisul

